

REALIDADES E FICÇÕES NA SEXUALIDADE E DA SEXUALIDADE NA  
PSICANÁLISE

Raul Hartke, Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

rahartke@brturbo.com.br

*RESUMO:*

*São apresentados e correlacionados os conceitos de ficção e fantasia, realçando-se abrangerem construções da mente que podem ser usados para procurar compreender ou para evitar a realidade. Discute-se contribuições de diferentes psicanalistas sobre a natureza e as diversas modalidades de fantasia. São confrontadas as proposições divergentes de vários autores sobre a importância das ficções/fantasias na origem e na estruturação da psicosexualidade, partindo de Freud. As teorias/ficções consideradas heurísticamente úteis por alguns são, para outros, ficções/falácias eventualmente inclusive defensivas. O intuito é manter essas questões em aberto para evitar a tendência ao aferramento a ficções/teorias supostamente definitivas. A interrogação sobre as possibilidades de conhecimento da realidade constitui o permanente pano de fundo implícito.*

*Um material clínico ilustra alguns aspectos abordados, sobretudo a dificuldade para renunciar a fantasias/ficções idealizadas.*

*DESCRITORES: ficção, fantasia, realidade, realidade psíquica, psicosexualidade, complexo de Édipo.*

## FICÇÕES, FANTASIAS E REALIDADES

O termo ficção deriva do latim *fictiō, onis*, isto é, formação, criação (Houaiss, 2001).

Segundo o Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia, de Lalande (1926) compreende, *lato sensu*, “... o que é simulado (*fictum*) ou fabricado pelo espírito”.

A partir deste significado geral, Lalande distingue três sentidos específicos:

- 1) “Construção lógica ou artística à qual se sabe que nada na realidade corresponde; por exemplo, nas matemáticas, no romance”.
- 2) “Hipótese útil para representar a lei ou o mecanismo de um fenômeno, mas da qual nos servimos sem afirmar a sua realidade objetiva”. Corresponderia, segundo Lalande, àquilo que atualmente é conhecido como modelo.
- 3) “Ficção legal, enunciação falsa ou incerta que deve ser legalmente tida como verdadeira”. Lalande dá como exemplo o postulado jurídico segundo o qual ninguém pode ser considerado como ignorando as leis.

Quando, em 21 de setembro de 1897, Freud escreve a Fliess contando-lhe sobre a renúncia à sua teoria de que as neuroses seriam causadas por uma sedução real ocorrido na infância, ele a atribui, entre outras razões à “intelecção certa de que no inconsciente não existe um signo de realidade (*Realitätszeichen*), de modo que não se pode distinguir a verdade (*Wahrheit*) da ficção (*Fiktion*) investida com afeto”. E imediatamente acrescenta, entre parênteses, ”(Segundo isso, restaria uma solução: a

fantasia sexual (*Sexuelle Phantasie*) apropria-se quase sempre do tema dos pais)”. (Freud, 1897, p. 301-302, Masson, 1985, p. 284).

Ou seja, as “fabricações do espírito” quando investidas de afeto e na ausência de um “signo de realidade” – como ocorre no inconsciente - são chamadas, na passagem acima, ficções. Na frase imediatamente seguinte passam a ser denominadas fantasias. Naquele contexto específico, fantasias sexuais relacionadas aos pais, isto é, àquilo que anos mais tarde será por ele designado como o complexo de Édipo, mas cuja descoberta é relatada a Fliess alguns dias depois, na carta de 15 de outubro.

É com essa denominação, ou seja, fantasias, que tais fabricações mentais serão doravante investigadas por ele, tendo seu significado estendido e aprofundado até gradativamente se tornarem, em sua modalidade inconsciente, o objeto específico da psicanálise.

Minha intenção no presente trabalho é evitar o aprisionamento no sentido mais corriqueiro e limitado da noção de ficção, que praticamente a equipara à falácia, ao fantasioso ou mesmo à mentira e à fraude. Com isto, espero contemplar o seu significado geral apontado por Lalande (1926), que inclui as “fabricações do espírito” objetivando a compreensão da realidade. Além disso, vou aproximá-la ou mesmo muitas vezes substituí-la pela noção de fantasia, com fins heurísticos e conforme o próprio Freud o fez na carta do equinócio de 1897.

Laplanche e Pontalis (1967, 1985) estudaram com acuidade o desenvolvimento, na obra de Freud, tanto da noção de fantasia quanto das complexas e ricas relações entre fantasia e realidade na vida mental.

Conforme é consabido o abandono da teoria da sedução real e o reconhecimento do papel da fantasia na etiologia das neuroses levaram Freud à descoberta da “realidade psíquica”, distinta da realidade externa.

O relato dessas descobertas, efetuado em 1914, contém e vincula entre si os termos e conceitos básicos que serão abordados neste trabalho:

“Se os histéricos reconduzem seus sintomas a traumas inventados (*erfundene Traumen*), aí está precisamente o fato novo, a saber, que eles fantasiam tais cenas (*Szenen phantasieren*) e a realidade psíquica (*psychische Realität*) precisa ser apreciada junto à realidade prática (*praktischen Realität*). Surgiu em seguida a compreensão de que essas fantasias (*Phantasien*) estavam destinadas a encobrir, a embelezar e a promover a uma etapa mais elevada o exercício auto-erótico dos primeiros anos da infância. Assim, por traz dessas fantasias, saltou para o primeiro plano a vida sexual da criança em todo o seu alcance” (Freud, 1914a, p. 17; 1914b, p. 56).

A fantasia tornou-se, assim, a realidade que interessa ao psicanalista. A realidade que, sem possuir *Realität* no sentido de uma objetividade externa, tem, não obstante, *Wirklichkeit*, isto é, efetividade, operância. Estas são as duas palavras que na língua alemã expressam a noção de realidade, conforme observa Lalande (1926) e segundo destacam os tradutores castelhanos da Standard Edition (1978).

Mas é preciso sublinhar, como o fazem Laplanche e Pontalis (1967, 1985) que Freud nunca desistiu definitivamente de procurar uma base real externa para as fantasias. Assim e apenas para exemplificar, na análise do Homem dos Lobos (Freud, 1918), não só procura descobrir os indícios que revelariam a observação real do coito parental como, em última instância, propõe a tese das “fantasias originárias” (*Urphantasien*).

Esses autores observam ainda que Freud nunca se deixou aprisionar pela oposição entre uma concepção da fantasia como mera deformação imaginária de fatos reais e outra que a consideraria essencialmente a expressão imaginária das pulsões.

Demonstram também a existência de diferentes modalidades de fantasias em sua obra, com distintos estatutos metapsicológicos, principalmente tópicos (Laplanche e Pontalis, 1985).

Em um extremo teríamos a *Urphantasie*, presente no inconsciente originário e que, como tal, sempre foi inconsciente. No outro, a “*Phantasie secundária*”, abrangendo aquelas tornadas inconscientes pelo recalçamento e as conscientes, isto é, os devaneios.

Mas também sublinham que Freud sempre assinalou um parentesco profundo entre todas elas.

Winnicott (1971), propôs um contraste entre um conjunto de fenômenos formado pelo sonho (*dream*), a imaginação (*imagination*), o brincar (*playing*) e o viver (*living*) e outro que inclui a fantasia (*fantasy*) e o sonho diurno ou devaneio (*daydream*). O primeiro está vinculado à repressão. O segundo, à dissociação (*dissociation*). Por estarem baseados em um estado dissociado a fantasia e o devaneio paralisam a ação, ao contrário, por exemplo, da imaginação, que enriquece a vida e permite um planejamento criativo. O termo fantasia é, portanto, empregado por Winnicott (1971) em um sentido específico e equivalente ao devaneio, próximo à ficção no primeiro sentido referido por Lalande (1926). Isto o torna incompatível, por exemplo, com todas as produções psíquicas também chamadas de fantasias por outros autores, a começar por Freud. Por essa razão, parece-me conveniente manter o sentido mais amplo da palavra o que não significa contradizer os conceitos propostos por esse autor.

Mais importante ainda do que estas distinções é a proposição de Winnicott (1971), sobre a existência de uma área do viver *entre* a realidade psíquica, interna, subjetivamente concebida e a realidade externa, compartilhada, objetivamente percebida. Um terceiro lugar constitutivo de um espaço potencial entre o indivíduo e o ambiente, no qual permanecemos a maior parte do tempo enquanto estamos

experimentando a vida no qual se desenvolve o uso dos símbolos, do brincar criativo, da experiência cultural, do viver criativo, do trabalho científico criador, etc.. Nele não estamos nem simplesmente agindo nem meramente devaneando.

Pontalis (1977) sublinha que a psique se constitui como tal mediante um trabalho de “teorização” no sentido de uma auto-representação ou auto-interpretação metaforizante daquilo que a excita, primariamente o corpo. Todas as formações do inconsciente são elas mesmas – como os sonhos – interpretações, construções do espírito, ficções no seu sentido amplo. Mas também teorizamos na tentativa de compreender a origem e o funcionamento desta mesma psique. Assim, diz ele, “... não existe psicologia que não seja ficção...” (p. 146). Psicologia tanto no sentido de disciplina do conhecimento como do seu objeto, isto é, a psique. A ficção/teoria aparece, portanto, nos dois extremos da experiência analítica. As chamadas “teorias sexuais infantis”, por exemplo (Freud, 1908), constituem as primeiras tentativas da criança no sentido de explicar para si mesma as origens dos bebês, da sexualidade e da diferença entre os sexos. Ao mesmo tempo, servem como defesa frente ao sentimento de impotência para compreender tais enigmas vitais. Identicamente as teorizações psicanalíticas são construções imprescindíveis para o trabalho do psicanalista, mas também podem converter-se em barreiras resistenciais. Em outras palavras, transformam-se de instrumento para investigação em defesa propiciadora da ilusão de controle e completude. Ou seja, na aguda síntese de Pontalis (1977) “Morte de Édipo: triunfo de Narciso” (p. 147).

Seguindo Freud, esse autor observa ainda que todas as teorizações – da criança e do cientista – estão, em sua origem, estreitamente vinculadas à curiosidade sexual. Mais uma vez, portanto, nos deparamos com uma íntima relação entre ficção e sexualidade.

Valho-me finalmente da teoria da função alfa de Bion (1962) e de sua conhecida grade (Bion, 1977) como uma forma, entre outras possíveis, de mapear e procurar articular entre si às diferentes modalidades de fantasias até aqui descritas.

Segundo essa teoria ampliada do sonhar as percepções sensoriais e as emoções brutas (também, nessa condição, ainda objetos sensoriais) são transformadas pela função alfa em fenômenos psíquicos, fabricações do espírito para valer-me das palavras de Lalande (1926). Antes disso são coisas-em-si, fatos não digeridos pela psique, realidades externas à mente. Após a “digestão” pela função alfa tornam-se a matéria prima tanto para os pensamentos oníricos e o pensar inconsciente da vigília como para o pensar consciente e o raciocínio. É a função alfa, por exemplo, que transforma a sexualidade biológica em psicosexualidade. Os produtos mentais desta “fábrica do espírito” são categorizados por Bion (1962, 1977) em sua “Grade” na qual ele as dispõe em termos de níveis crescentes de abstração (eixo vertical) e segundo diferentes usos possíveis (eixo horizontal).

Penso que a maior parte das formas de fantasia descritas até aqui seriam categorizáveis na fila C (a fila dos pensamentos oníricos, sonhos, mitos, mas também modelos, narrações, etc.). Quando usadas para conhecer e aprender com a experiência poderiam servir como hipóteses definidoras, como notação, ou com fins de atenção, investigação e ação, segundo critérios propostos por Bion (1977). Este seria o caso, a meu ver, do brincar criativo, do sonhar, da experiência cultural e da imaginação criativa referidos por Winnicott (1971), As teorias sexuais infantis quando usadas pela criança como tentativas para resolver o enigma da origem dos bebês, da sexualidade e da diferença entre os sexos, também seriam aqui classificadas.

Já os devaneios e, em geral, as fantasias usadas como defesas seriam categorizáveis na coluna dois, ou seja, na coluna das produções psíquicas empregadas

para evitar qualquer desenvolvimento da personalidade que implique uma “mudança catastrófica” (Bion, 1977).

Bion (1977) propõe também uma distinção entre proposições falsas e mentirosas. As falsas derivam das dificuldades e limitações próprias do ser humano em sua busca da verdade. A mentira implicaria uma intenção de esconder a verdade. O mentiroso, diz ele “... tem que estar seguro de conhecer a verdade para ter a certeza de não divulgá-la por acaso” (p. 10). As teorias sexuais infantis seriam, na sua intenção inicial, falsas, mas não mentirosas. Depois, frente às respostas evasivas ou repreensões dos adultos, poderiam tornar-se também mentirosas. E as explicações desses últimos para as perguntas infantis que originam tais teorias seriam mentirosas quando objetivam ocultar a verdade.

As teorias psicanalíticas pertenceriam à fila F (a fila dos conceitos) e, conforme alertou Pontalis (1977), também podem ser usadas de uma forma categorizável na coluna dois, isto é, como barreiras contra a busca do conhecimento. Nesse último caso, Bion (1976<sup>a</sup>) chega a chamá-las de “paramnésias”, contrastando-as com as “ficções científicas” (1976b) que representam lícitas tentativas preliminares na busca do conhecimento.

Procurarei a seguir demonstrar como a ficção/fantasia, no sentido amplo de “fabricação do espírito”, desempenha, em suas diferentes modalidades, uma função nuclear na origem e na estruturação da sexualidade humana nas teorizações psicanalíticas. Além disso, em outro plano, tomando então a ficção como teoria, abordarei algumas discussões psicanalíticas acerca do que constituiriam, nas formulações sobre a sexualidade, ficções no sentido de representações falaciosas (eventualmente até defensivas) ou ficções como hipóteses úteis para a compreensão dos fenômenos.



## FANTASIA E SEXUALIDADE HUMANA: DAS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS À TEORIA DA SEXUALIDADE INFANTIL.

A extensão do conceito de sexualidade proposta por Freud em seus “Três ensaios sobre a teoria sexual” (1905) transformou-a em um conjunto de prazeres e atividades que transcendem os órgãos genitais e os fins reprodutivos, que estão presentes desde a infância e que não se restringem à satisfação de uma necessidade fisiológica. Expressa-se como desejo (*Wunsch*), cuja satisfação depende de fantasias para determinar seu objeto e sua meta, diversamente de uma necessidade fisiológica (Laplanche e Pontalis, 1967).

Laplanche (1970) observa que a sexualidade humana imita mas não é nem se torna um instinto e que, por essa razão, Freud a caracterizava geralmente como *Trieb* (pulsão) e não como *Instinkt*. E Green (1995) afirma que, com tal ampliação revolucionária do conceito, Freud “... na verdade inventou a psicosexualidade” (p. 218).

Na medida em que não é mais uma montagem instintiva pré-determinada biologicamente abre-se a questão sobre sua origem e como se estrutura a ponto de chegar a “imitar” um instinto. Conforme veremos, a fantasia constitui um elemento central nas tentativas de respostas a esses enigmas.

No que diz respeito à origem, a importância da fantasia aparece na teoria freudiana relativa à gênese da sexualidade infantil a partir ou, mais precisamente, por apoio (*Anlehnung*) no instinto de autoconservação, tão bem recortada e articulada por Laplanche e Pontalis (1967, 1985) e por Laplanche (1970; 1993). O prazer marginal obtido na sucção do seio, devido à excitação provocada pelo afluxo do leite durante a

satisfação da necessidade alimentar, instintiva, é, depois, buscado de modo independente, separado da necessidade de nutrição, sem o objeto externo, naquilo que se constitui então em uma zona erógena, isto é, os lábios. Esse prazer auto-erótico está ligado à satisfação alucinatória do desejo na medida em que a criança reproduz como alucinação a experiência original da satisfação quando o objeto real encontra-se ausente. A fantasia é uma tentativa de reencontrar o objeto alucinado para tentar satisfazer o que a essa altura já constitui um desejo (*Wunsch*) e não mais uma necessidade. Conforme sintetizam Laplanche e Pontalis (1985):

“A origem do auto-erotismo seria, pois, aquele momento... no qual a sexualidade se desprende de todo o objeto natural, vê-se entregue à fantasia e desse modo se forma como sexualidade. Mas, inversamente, também se pode dizer que é a irrupção da fantasia que provoca essa disjunção da sexualidade e da necessidade. Causalidade circular ou nascimento simultâneo? O fato é que encontram sua origem, tão longínqua quanto se possa retroceder, num mesmo ponto” (p. 81).

Laplanche e Pontalis (1985) referem-se a esta teoria como “a ficção (*Fiktion*) freudiana” (p. 78), sem qualquer sentido pejorativo. Consideram-na “uma fantasia analítica” (p. 78) equiparável a um “mito de origem” (p. 78). Em outras palavras, uma teoria sobre a sexualidade infantil que, como as teorias sexuais infantis, busca explicações para os enigmas fundamentais da vida evidentemente em um outro nível e sob outras condições mentais.

Quanto à estruturação da psicosexualidade, isto é, quanto aos fatores que ao final e ao cabo a levam a “imitar” um instinto, no sentido de terem objetos e metas mais estabelecidos, sabemos que a resposta está, para Freud, no complexo de Édipo. E também neste caso a ficção/fantasia encontra-se nos fundamentos. O próprio complexo é incluído por alguns autores entre as fantasias originárias, transcendendo a vivência

individual na qual se incorpora. Além disso, a teoria da universalidade do falo, característica da fase na qual o complexo se instala segundo Freud, e o correlato complexo de castração, que o destrói no menino e o inicia na menina, baseiam-se em ficções/fantasias. O menino (e também a menina) imagina, ou seja, vive a ficção de que todos os seres humanos possuem um pênis, o órgão tão narcisicamente investido nessa fase. Ao ver os genitais femininos, isto é, ao constatar a realidade da diferença anatômica entre os sexos e após já ter ouvido admoestações sentidas como ameaças de castração, atribuídas ao pai, desenvolve a ficção de que o pênis da menina foi amputado e de que o mesmo poderá eventualmente ocorrer com o seu. Em consequência dessa fantasia/ficção de castração, ocorreria, para Freud (1924), uma dissolução (*Untergang*) do seu complexo de Édipo. É importante sublinhar que a única realidade presente em toda esta situação é a diferença anatômica entre os sexos. Todo o resto – incluindo a interpretação dada a tal diferença - são fabricações da mente infantil. São ficções, fantasias. Em outras palavras, é a fantasia da castração que dá o significado de falta à percepção dos genitais femininos. E mais, Freud afirma que, quando os acontecimentos na realidade não condizem com as referidas fantasias, são remodelados para se adaptarem a elas, o que implica que uma estrutura pré-subjetiva independente, a fantasia originária, predominará em relação à experiência individual. Ou seja, fantasias gerando fantasias, ficções originando ficções!

A menina – segundo esta mesma teoria – ao perceber-se sem um pênis acusa a mãe por havê-la privado de tão precioso órgão e volta-se para o pai na expectativa de receber dele um pênis ou, depois, seu equivalente simbólico, um bebê. Mais fantasias sobre fantasias, mas com eficácias suficientes para determinar o rumo da sexualidade e de todo o desenvolvimento psíquico. Ou seja, com realidade psíquica.

A cena primária, tão intimamente ligada ao complexo de Édipo é, ela própria, para Freud, também uma fantasia originária, a *Urszene*. Green (1980) a considera a “matriz simbólica” (p. 266) que possibilita a construção do referido complexo e prefere chamá-la de “fantasia da cena primária” (p. 266) para explicitar que o ponto essencial não é ter sido testemunhada, mas sim ocorrido na ausência da criança.

### FANTASIA/FICÇÃO EM FREUD OU FICÇÃO DE FREUD?

Examinei a importância nuclear que a fantasia/ficção possui na teoria de Freud sobre a origem e a estruturação da psicosexualidade. Mas o que, nessa teoria, constituiria, segundo outros autores, uma ficção no sentido de nada ter a ver com a realidade ou inclusive servir para encobri-la?

Registrarei, a esse respeito, apenas algumas contribuições que me são mais conhecidas e que, a meu juízo, representam um contraponto às formulações freudianas. Minha intenção é esboçar uma certa desconstrução de tais teorias, problematizar a questão para mantê-la em aberto e, assim, evitar a permanente tentação ao encastelamento defensivo em respostas supostamente definitivas.

Julgo pertinente a afirmação de Capra (citado por Motomura, 2006), de que nossa tentativa “neutra” de observação de um novo fenômeno é mais ou menos rapidamente interrompida pelo suposto “reconhecimento” e, assim, por seu enquadramento dentro de algo que julgamos já conhecer. Quando isso não é possível, passamos geralmente a julgá-lo sem sentido ou irreal.

Um dos primeiros e bem conhecido questionamento sobre a teoria freudiana envolve a discussão sobre as “fantasias retroativas” (*Zurückphantasieren*), defendidas por Jung, e a concepção freudiana do “*a posteriori*” (*Nachträglichkeit*). Constitui o

pano de fundo do trabalho “O Homem dos Lobos” (Freud, 1918). A tese junguiana é de que as supostas lembranças ou fantasias de cenas sexuais ocorridas na infância e reconstruídas na análise seriam fabricações da mente do adulto. Resultariam de uma tendência regressiva defensiva diante de conflitos do presente e serviriam como representações simbólicas de desejos relacionados a esse mesmo presente. Freud (1918), por sua vez, argumenta que a presença de manifestações neuróticas já na infância testemunha a realidade da observação da cena primária e de sua reativação – *a posteriori* – quando do sonho dos Lobos. Insiste então na factualidade, se não da visão da cena propriamente, pelo menos de indícios dela. A observação da cópula entre cães poderia, por exemplo, ter sido transferida para uma cena eventualmente “inocente” entre os pais. Mas como último recurso, recorre à teoria da fantasia originária da cena primária. Segundo ele, a tese junguiana não somente contraria a existência da sexualidade infantil, mas propõe que as cenas sexuais da infância seriam, na verdade, fantasias do próprio analista que as forçaria no analisando.

A teoria da sexualidade infantil constituiria, assim, para Jung, uma teoria sexual do adulto Freud empurrada para o passado e para o analisando. Em outras palavras, uma formulação categorizável na coluna dois da grade de Bion (1977).

Sob uma perspectiva teórica distinta Fairbairn (1952) também descentra a importância atribuída por Freud à sexualidade infantil no desenvolvimento psíquico. Para ele a libido busca primariamente o objeto e não o prazer. Conseqüentemente, os processos mentais não seriam regulados pelo princípio do prazer. Pelo contrário: a conduta humana estaria intrínseca e inatamente orientada para a realidade externa, determinada, portanto, desde o início pelo princípio da realidade. O princípio de prazer constituiria um princípio secundário e deteriorado do funcionamento mental, objetivando o alívio da tensão e a busca de satisfações compensatórias.

Laplanche (1987, 1992, 1993) critica aquilo que denomina o “desvio biologizante” e, mais adiante, “a revolução copernicana inacabada” de Freud. A revolução copernicana – conforme a própria referência de Freud – envolve um heterocentrismo do sujeito, ligado principalmente à noção do inconsciente como “*Das Andere*”, isto é, a outra coisa no interior do sujeito, alheia a ele e com uma “alteridade” suficiente para descentrá-lo. E a própria sexualidade, antes da carta do equinócio de 1897, tornar-se-ia a origem das psiconeuroses apenas em virtude da sedução paterna, ou seja, de algo proveniente do outro

O “desvio ptolomeico” já estaria de certa forma presente na teoria da origem da pulsão sexual a partir do apoio (*Anlehnung*) no instinto de autoconservação, pois implica uma gênese endógena, centrada no sujeito e, como depois insistirá Laplanche, desconsiderando a ação fundante do outro. Mas tal extravio teria sido coroadado no momento em que, na última teoria freudiana das pulsões, Eros, a pulsão de vida, Eros totalizante, unificador, objetivando ligações, engloba e, segundo Laplanche (1993), acaba “dessexualizando” a sexualidade. A sexualidade – é importante destacar – conforme descrita nos “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), isto é, fragmentada, não finalizada, desligadora e inicialmente inclusive “perversa”. A sexualidade com origem essencialmente na fantasia e constitutiva do inconsciente recalcado, diversamente daquela, de acordo com a última teoria das pulsões, gerada a partir de um narcisismo biológico original e que engloba o auto-erotismo. Após isso, é a pulsão de morte que se torna a força desligadora, anteriormente atribuída à sexualidade disruptiva. É ela – a pulsão de morte – que passaria a constituir o ataque interno ameaçador e o tempo auto na origem da pulsão. Os dois grandes princípios do funcionamento psíquico não mais seriam o princípio de prazer e o de realidade, mas os de ligação e desligamento, transformados em pulsões (de vida e de morte) ou mesmo, segundo

Laplanche (1993), em instintos. Isto constituiria uma espécie de retorno ao instinto sob um disfarce mítico ou metabiológico, especulativo.

Laplanche estaria, assim, criticando uma ficção/falácia ptolomeica e especulativa na teoria freudiana das pulsões.

Segundo sua própria teoria da sedução generalizada o adulto envia, ou melhor, implanta na criança, durante os cuidados que lhe presta, “mensagens enigmáticas, comprometidas pela sua própria sexualidade inconsciente. Tais mensagens impõem à criança um trabalho de simbolização. Um trabalho de “tradução”, difícil se não impossível, de qualquer forma sempre parcial, em virtude de suas ainda limitadas capacidades. Assim sendo, sempre resultarão restos não simbolizados que vão constituir o inconsciente recalado originário, com efeito, pulsional, denominados por Laplanche (1987, 1992) objetos-fontes da pulsão. Objetos-fontes que permanecem como um corpo estranho interno impondo um interminável trabalho de tradução. Para ele, o ser humano “... é e não para de ser um ser autotradutivo, autoteorizante (1987, p. 139).

Laplanche (1987) propõe a existência de diferentes níveis de teorização. Em um dos extremos estaria a metapsicologia. No outro, a auto-simbolização do sujeito, constitutiva de sua vida psíquica. Mas essa auto-simbolização não se desenvolve a partir do nada e a vida fantasística evidencia certos roteiros universais. Segundo ele esses roteiros ou esquemas são propostos ao sujeito pelo meio cultural e vão constituir as fantasias originárias que, portanto, não derivariam de uma herança filogenética nem constituiriam o núcleo do inconsciente. Nesse caso, estaria sendo apontada e criticada como errônea uma ficção filogenética de Freud.

Observa-se que também na teoria geral de Laplanche a fantasia persiste colocada na gênese e no núcleo da pulsão. Mas esse autor sublinha que ela não constitui uma

simples derivação natural do psíquico a partir do somático pois seu ponto de partida está no outro, nas mensagens enigmáticas que propõe à criança.

Laplanche (1992) considera que sua teoria da sedução generalizada completaria a “revolução copernicana” iniciada por Freud, restabelecendo a “prioridade do outro” na psicanálise. Implicaria, como foi exposto, uma nova teoria das pulsões bem como uma correção do desvio biologizante e do recurso à filogênese presentes nas formulações freudianas.

Em relação ao complexo de Édipo são conhecidas as divergências de Melanie Klein a respeito daquilo que, sob seu vértice teórico, poderia ser chamado, de um modo mais amplo, de ficção freudiana do complexo paterno e do primado do falo.

Klein (1945) privilegia o instinto de morte e as fantasias destrutivas como geradores da angústia, (ao invés dos instintos sexuais) e considera que as fantasias orais, anais, uretrais e genitais se superpõem desde o início, embora com o predomínio das orais. A relação original e exclusiva com o seio materno possuiria um papel decisivo na origem e evolução do complexo de Édipo. Por essa razão ela se refere a um complexo de Édipo pré-genital ao invés de um período pré-edipiano como o faz Freud. A passagem do seio para o pênis e a oscilação entre esses dois objetos parciais instalam o complexo de Édipo positivo e negativo em ambos os sexos e sua evolução posterior, distinta nos meninos e nas meninas, é orientada por um conhecimento inconsciente inato do pênis e da vagina e pelo sexo biológico de cada um. Para os analistas que, como ela, seguiram Horney (1926) e Jones (1935), o desconhecimento inicial da vagina por parte da menina, postulado por Freud, assim como as conseqüentes teses sobre o monismo fálico e o temor à castração como iniciador do complexo de Édipo nas meninas, constituiria uma ficção sexual de Freud que não corresponderia à realidade. De acordo com Chasseguet-Smirgel (1984) seria uma defesa contra a ferida narcísica



gerada pela percepção de que o pequeno pênis infantil é insuficiente para satisfazer e fecundar a mãe. Mais uma vez, sob esse ângulo, a teoria da sexualidade infantil de Freud representaria uma teoria sexual infantil de Freud.

Consoante o que poderia ser chamada de teoria kleiniana da fantasia generalizada Meltzer (1973, 1988) ocupa-se com o que denomina “estados sexuais da mente”, distintos do comportamento sexual. Tais estados estruturam-se em torno das reações suscitadas pela fantasia universal do coito parental criativo e prazeroso, diferente tanto da cena primária sadomasoquista, freudiana, quanto da persecutória figura dos pais combinados, kleiniana. Essas duas últimas seriam versões distorcidas resultantes de projeções e usadas como defesa contra a inveja, ciúme, sentimento de exclusão, etc., despertados pela relação criativa.

Essa relação parental seria inicialmente fantasiada como ocorrendo no interior do corpo materno contendo o pênis paterno. Um pênis objeto parcial tanto sem testículos (com funções de proteção e limite) como com testículos (reparador).

No estado sexual mental infantil polimorfo (que Meltzer distingue, portanto do perverso) o ciúme desperta o desejo de separar o casal e, através a identificação projetiva, intrometer-se na relação criativa e prazerosa, sentida como um segredo. No estado sexual mental perverso a inveja transforma este coito parental em uma cena sadomasoquista estéril. Finalmente, o estado sexual mental polimorfo adulto (portanto também polimorfo, embora com motivações diferentes do infantil) respeita a privacidade e o mistério da relação, admirando suas qualidades prazerosas e criativas. Almeja incorporá-la como ideal de ego, mediante identificação introjetiva.

Portanto, objetos (parciais e totais) e relações (introjeções e projeções) pertencentes a um mundo interno, fantasístico, mas a partir do qual, segundo Meltzer, os objetos e relações do mundo externo recebem sua importância e significado.

Meltzer (1973) pensa que, ao referir-se à sexualidade infantil como perversa polimorfa Freud não teria feito a distinção entre dois estados sexuais mentais com motivações bem diferentes entre si. Além disso, ao deixar de designar a sexualidade adulta como polimorfa adulta teria elevado a genitalidade heterossexual a uma posição suprema e única em relação aos prazeres pré-genitais, situando o coito genital como “uma espécie de brasão da aristocracia sexual” (p. 81). Em outros termos, novas ficções sexuais de Freud, talvez moralistas segundo Meltzer (1973).

Winnicott (1963,1971), afirma a existência de todo um período não-edipiano do desenvolvimento, pré-pulsional, mas estruturante do sentimento de identidade. Loparic (1997) caracteriza a concepção geral winnicottiana como uma “psicanálise não-edipiana”. Assim, a centralidade da sexualidade e deste complexo na estruturação da sexualidade (e de toda a vida psíquica) seria uma ficção se não falaz pelo menos incompleta do criador da psicanálise.

#### FICÇÃO DE FREUD OU FICÇÃO DOS OUTROS PSICANALISTAS?

A conferencia de Green (1995) sugestivamente intitulada “Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?” constitui, a meu ver, o questionamento atual mais contundente acerca das formulações divergentes de Freud quanto à importância da sexualidade infantil e a centralidade do complexo de Édipo. Green (1995, 2002) argumenta que, na psicanálise moderna, a sexualidade freqüentemente não é mais considerada o fator central no desenvolvimento psíquico e na psicopatologia, pouco restando do significado e funções que Freud lhes atribuía. Na maior parte dos casos é pensada como um artefato do *setting* ou como uma defesa contra aspectos além ou anteriores à sexualidade. Para

ele, o inconsciente continua fundamentado – como era para Freud – na sexualidade e na destrutividade. E o complexo nuclear persiste sendo o de Édipo:

“... quaisquer que sejam as escolhas sexuais de um indivíduo – diz Green – ele não poderá ignorar que nasceu de uma relação sexual entre um pai e uma mãe de uma geração anterior, separados eles mesmos pelas diferenças dos sexos, e que, por toda a sua vida, terá que se haver com a elaboração de sua origem” (2002, p. 238).

Green (1995) afirma que a repressão e a resistência à sexualidade estenderam-se também para a teorização de muitos psicanalistas atuais. Assim, Fairbairn teria dessexualizado a psicanálise quando substituiu a tese freudiana da busca do prazer por sua proposição da busca do objeto, mais inocente e menos perturbadora.

Klein, por sua vez, teria modificado substancialmente os princípios freudianos da atividade psíquica ao rejeitar a noção de narcisismo primário, dar primazia à destrutividade e mudado a oposição entre o prazer e o desprazer para o bom e o mau objeto. Ademais, ao elevar o seio à posição de suprema importância tornou secundária não só a sexualidade como também a função da figura paterna.

Existiria, para ele, principalmente nos autores anglo-saxões (incluindo Meltzer), uma exclusão quase que generalizada da dimensão erótica nas trocas entre a mãe e a criança, resultante, pelo menos em parte, de um puritanismo. Além disso, haveria uma forte tendência no sentido de não mais procurar articular o psíquico com o somático – como sempre tentou Freud – convertendo a psicanálise em uma teoria exclusivamente psíquica. A própria teoria da sedução generalizada, de Laplanche, padeceria deste desvio.

No que se refere às fantasias originárias Green (1990) diz o seguinte:

“... para a construção da minha teoria necessito de uma hipótese, da qual não posso fornecer nenhuma prova, porque se trata de um axioma. Digo simplesmente que

para meu desenvolvimento teórico ela me é necessária e afirmo então que creio na existência de um conjunto mínimo de conteúdos universais” (p. 96).

A meu juízo esta axiomatização das fantasias originárias por parte de Green (1990) representa, na psicanálise, o mesmo papel e tem o mesmo sentido específico (o terceiro deles) que as “ficções legais” referidas por Lalande (1926).

Alicerçando-se em fundamentos lacanianos Baranger (1976) argumenta que o uso extenso e excessivo do enfoque genético por parte de Klein, derivado daquilo que Isaacs (1952), denominou princípio da continuidade genética, faz com que a prioridade cronológica da relação com o seio materno conduza a uma concepção teórica de sua prioridade também na determinação do desenvolvimento psíquico, ou seja, de sua prioridade lógica. A equiparação do complexo de Édipo precoce com o tardio conduziria à perda da noção em si de “complexo”. Segundo Baranger (1976) enquanto o Édipo precoce é uma constelação essencialmente fantasmática, o Édipo freudiano constitui “... um acontecimento de envergadura estrutural dominante” (p. 294), ocorrendo no ponto de inserção do sujeito com a cultura. E, na medida em que o Édipo tardio é mantido como o organizador nuclear do desenvolvimento humano, a situação triangular na verdade antecede à dual e não o contrário conforme propõe Klein à luz de seu enfoque genético.

“A proibição da mãe como objeto incestuoso por parte do pai, ou seja, a castração – diz Baranger - é o que permite a ruptura da estrutura diádica e a constituição do filho como unidade distinta e individualizada. O três impõe a diferenciação dentro da união diádica e permite o aparecimento do um, do sujeito. Constitui o sujeito como sexuado, dotado de um só sexo, ou seja, como simultaneamente uno, separado e essencialmente incompleto, como ser desejante”. (p. 299-300).

O pai, na concepção kleiniana, surgiria na mente da criança, ainda segundo Baranger, apenas como uma diferenciação secundária e dependente da mãe, ocorrendo, assim, uma substituição do suposto falocentrismo freudiano pela supremacia de uma figura materna onipotente.

Frente a estes argumentos é possível dizer que, para Green e Baranger, as teorias de Klein, Fairbairn, Winnicott, justamente com outros autores que os seguem em linhas gerais, representariam ficções/falácias descorporalizantes, dessexualizantes e descentralizadores do complexo de Édipo no sentido que Freud lhe atribui. Ficções resultantes de falácias teóricas ou mesmo da repressão da sexualidade e do Édipo por parte de seus autores. Ficções classificáveis na coluna dois da grade bioniana.

Ao expor as idéias de Green considero ter efetuado uma volta em uma espiral e retornado a Freud em um outro nível. Após isso, analistas de outras escolas poderiam também questioná-lo quanto às eventuais ficções e realidades de suas proposições. E assim por diante, em um inquietante mas necessário e enriquecedor diálogo infinito (no melhor dos casos). Quem estaria mais congruente com a realidade? E que realidade é essa? É possível conhece-la?

#### FICÇÃO E SEXUALIDADE NA RELAÇÃO ANALÍTICA.

M, um paciente de 45 anos, solteiro, iniciou a sessão dizendo que no dia anterior havia ido até o Mercado Público movido pelo desejo de adquirir alguns produtos em uma banca conhecida pela excelência de seus produtos. Ao chegar decidiu antes sentar e tomar a famosa salada de frutas com sorvete na Banca X, lembrando que, na infância, sua mãe o levava muitas vezes àquele local.

À medida que desenvolve este relato começo a recordar uma torta de morangos com nata que comi muitas vezes na infância, numa confeitaria de minha cidade natal. Depois de adulto por muitos anos ainda a considerava a melhor que já havia provado. Lembrava seu gosto, cheiro, consistência, aspecto, comparava-a mentalmente com tantas outras e sempre a achava imbatível. Pelo menos na minha recordação. Há alguns anos atrás voltei à confeitaria, esperando re-experimentar todas aquelas sensações inesquecíveis. Para minha surpresa, no entanto, era uma torta comum, igual a tantas outras. Na verdade, precisei reconhecer, nem tão boa como outras que já havia provado, embora não fosse ruim. Nos primeiros momentos pensei que os morangos de hoje não eram mais como os de antigamente, que a nata não era mais natural, o trigo diferente, etc.. Depois, imaginei que haviam modificado a receita, que, quem sabe, o Sr. K., eterno proprietário da confeitaria, tinha finalmente se rendido ao desejo de lucros maiores e passado a utilizar ingredientes mais baratos. Fiquei inclusive com raiva dele por alguns instantes, por roubar-me a oportunidade de voltar a sentir aquelas doces e inesquecíveis sensações. Em seguida, porém, percebi, com certa frustração, que não era este o motivo, que na verdade estava dolorosamente precisando renunciar a uma ficção/idealização que até então havia sustentado dentro de mim. Inclusive a também eterna garçonete vestida com o sempre imaculado uniforme de linho branco confirmou-me que nada na receita havia mudado. Um uniforme que, aliás, também já não me parecia assim tão perfeito. Finalmente, conformado, não deixei de aproveitar o prazer de estar ali, em um lugar para mim repleto de tantas recordações (algumas inclusive tristes) de um passado distinto daquele meu presente, no qual também identifiquei muitas satisfações, assim como problemas e dificuldades inerentes à vida. Quando sai dali, sentia-me alimentado pelas lembranças e ainda mais próximo de minha família atual, reconhecendo o quanto havia de idealização na recordação daquela torta.

Embora esteja levando todo este tempo para relatar tais recordações que me vieram inesperadamente à mente naquele momento da sessão, tenho claro que ocorreram num átimo, como se estivesse vendo um quadro de uma vasta e antiga paisagem.

Neste ínterim, M já estava relatando que, enquanto aguardava sua salada de frutas com sorvete, começou a experimentar um desconforto muito grande, crescente, quase físico, difícil, segundo ele, de descrever. A sensação foi tão angustiante que se levantou e saiu rapidamente do local, voltando para casa. A angústia, entretanto persistiu e, ao anoitecer, dirigiu-se a uma sauna masculina. Lá deixou-se, ou melhor, induziu ser humilhado e mesmo maltratado fisicamente por um homem, sentindo inclusive prazer e não mais angústia. Este comportamento homossexual masoquista foi o motivo principal de sua busca de tratamento, mas já não vinha ocorrendo há algum tempo.

Senti-me inicialmente preocupado com esta sua atuação. Em seguida, comecei a experimentar certa irritação e uma vontade de criticá-lo por retomar tal comportamento, após tê-lo analisado tantas vezes e já estar há algum tempo sem necessitar utilizá-lo. Mas logo dei-me conta de que, assim procedendo, estaria atuando com ele, naquele momento, a situação sadomasoquista que havia provocado na sauna masculina. Comecei a comparar internamente as suas reações com aquelas que recordei ter experimentado na confeitaria do Sr. K. Lembrei como precisei conter a dor da frustração por não reencontrar a experiência idealizada que guardava da infância, o quanto senti vontade de acusar o Sr. K. de responsável por isto e o quanto foi triste, mas também aliviador, reconhecer toda a idealização envolvida. Felizmente nunca precisei recorrer às saídas defensivas utilizadas por M. Mas não deixei de intuir o que o levava a praticá-las, mesmo sentindo certo desconforto ao tentar colocar-me em seu lugar. Tudo isto sem ignorar as defesas nossas de cada dia. Inclusive alguns eventuais momentos sadomasoquistas cotidianos que ficam racionalizados e até idealizados como sendo sacrifícios necessários,

boa educação, impertinências e irritações supostamente justificadas, etc.. E quais serão as ficções/ defesas idealizadas por mim no presente?

Disse então para M que, talvez, ao chegar ao Mercado Público e solicitar a salada de frutas com sorvete, foi muito doloroso para ele começar a perceber que a infância havia terminado e nunca mais retornaria. Que, por isso mesmo, precisou sair rapidamente do local e procurar uma situação, na sauna masculina, na qual transformou esta dor emocional em um prazer de sofrer dor física, a qual lhe era conhecida, localizável e ainda sob seu controle, já que ele a induzia. Abordei este ponto específico não apenas devido às minhas recordações naquele momento, que me possibilitavam, suponho, intuir a dor que ele evitou, mas também em virtude dele praticamente viver preso ao passado, lembrando a morte de sua mãe ocorrida há mais de 10 anos e desvalorizando todas as pessoas, situações e coisas do presente. Levei ademais em conta os riscos envolvidos nas suas atuações masoquistas.

M passou a queixar-se de seu pai, ainda vivo, classificando-o como “um brutamonte”, “um grosso”, que o admoestava permanentemente dizendo que não saia de “debaixo da saia da mãe”. E voltou a lamentar longamente a morte dela. Quase me contentei em deixar a questão neste ponto, isto é, de sua dor por esta perda. Mas outra vez vieram-me à mente minhas recordações de há pouco. Meio a contragosto, desejando inicialmente evitar esse novo aspecto, lembrei-lhe que ele já experimentava reações como as do dia anterior antes de havê-la perdido. Quem sabe, acrescentei, o mais doloroso era precisar aceitar que, mesmo quando ela ainda vivia, M não conseguia encontrar, nem com ela nem com nenhuma outra pessoa ou situação, algo tão maravilhoso que, em sua imaginação, havia desfrutado quando bem pequeno. Que ainda não se conformava com isto, necessitando, por exemplo, acreditar que fora seu pai quem o havia privado de tal possibilidade, entre outras razões para poder continuar com a idéia



de que este algo maravilhoso existiu, poderia ser recuperado e persistir então por toda a sua vida. M ficou em silêncio. Um silêncio que inicialmente pareceu-me irritado e, depois pesado. Mas não me pareceu que tenha chegado a ser triste. Contou então que não suportava quando sua mãe levava consigo às compras ou a passeio algum outro de seus cinco filhos ao invés dele. Ficava em casa chorando, magoado, com raiva do irmão escolhido na ocasião. Agora imaginava que deveria sentir raiva também dela, mas sempre encontrava uma forma de resguardá-la e idealizá-la, dirigindo suas mágoas para o pai e os irmãos. Mais adiante, no passado, em ocasiões semelhantes, começou a aproximar-se de funcionários braçais da pequena empresa de seu pai, comportando-se diante deles de forma a leva-los a ridicularizá-lo e tratá-lo depreciativamente como homossexual. Ele próprio relacionou estas lembranças com seu comportamento masoquista no presente, conforme já havíamos feito em outras ocasiões. Vimos também que tinha se evadido do Mercado Público antes de comer a salada de frutas com sorvete não apenas por temer não suportar a dor das lembranças e da perda da infância como também para poder continuar com a ilusão de que, quando viesse a comê-la, voltaria a sentir todas aquelas sensações que associava a sua mãe na infância.

E assim encerramos a sessão. Tive a nítida impressão de que M estava triste à saída. Certamente não estava ansioso como quando chegou. Prosseguimos posteriormente trabalhando com suas angústias e reações deste tipo, mas é possível constatar um espaçamento cada vez maior de suas atuações masoquistas, que também se mostram progressivamente menos intensas. Um aspecto importante que viemos a compreender e trabalhar foi que, em situações como aquela da sauna masculina, M inconscientemente vivenciava o parceiro como atuando a raiva que ele, M, estava sentindo, ao mesmo tempo em que ele próprio representava alguém que era objeto de seu

ódio naquele momento, com frequência eu e, originalmente, seu pai, seus irmãos ou mesmo a mãe.

Curiosamente, algum tempo depois um colega recordou-me que a salada de frutas com sorvete da Banca X contém também uma porção da famosa nata ou chantilly do local. Na verdade, eu mesmo já a havia degustado alguns anos atrás.

Julgo ser possível detectar, ao longo deste relato, circulando entre o analisando e o analista, pelo menos as seguintes fantasias:

- 1) A mãe e o seio materno idealizados, desejados com exclusividade, sem limitações e para sempre.
- 2) O pai que seria responsável pela interdição à gratificação desse desejo, no contexto de um complexo de Édipo pré-genital positivo. Implicitamente, uma cena primária na qual o pai e os irmãos desfrutam junto à mãe um prazer do qual o sujeito está excluído.
- 3) A cena primária (sádico-anal) no contexto de um complexo de Édipo negativo, com o pai sádico constituindo o objeto de desejo. Implicitamente o desejo de castração por parte dessa figura paterna.
- 4) O interdito paterno na forma de uma castração representada pela necessidade de aceitação da realidade em confronto com as fantasias baseadas no desejo.
- 5) Etc. ...

Possivelmente tais fantasias nem teriam emergido ou pelo menos não o teriam com esta importância e na seqüência que ganharam na sessão se não houvesse, na mente do analista, uma teoria psicanalítica que possibilitou distingui-las e trabalhá-las terapêuticamente. Afinal, como concordam praticamente todos os epistemologistas atuais, não existe uma percepção virginal da realidade. Isto também implica que outros analistas, com diferentes embasamentos teóricos e pessoais, provavelmente veriam ou

mesmo mobilizariam a emergência de diferentes fantasias, com distintos desenvolvimentos na sessão. A meu juízo, entretanto, essas teorias precisariam funcionar como continentes (Bion, 1962) na forma de pré-concepções insaturadas (Bion, 1962, 1977), abertas à geração e desenvolvimento de significados dos fenômenos emocionais vigentes na relação analítica. Este uso é bastante diverso de quando funcionam como contidos saturados a serem forçados na situação clínica. Isto sem mencionar a importância das teorias implícitas na mente do analista, cada vez mais consideradas, e que podem ser detectadas apenas mediante um “segundo olhar” (Baranger, 1979), promovido geralmente por um terceiro não envolvido diretamente na relação.

Como quer que seja, a teoria, juntamente com a história pessoal e psicanalítica do analista, do par analítico e do analisando terá uma influência importante em termos de quais fantasias serão distinguidas em determinada sessão, qual o significado dinâmico que lhes será atribuído, como serão articuladas entre si e como serão trabalhadas. Assim, por exemplo, para alguns analistas a presença da fantasia do seio idealizado na situação relatada constituiria uma fuga contra a angustiante ameaça da atualização de uma cena primária sadomasoquista. Já para outros a insistência dessa última representaria uma reação defensiva e quiçá vingativa derivada da interdição à fantasia de recuperação e preservação do seio idealizado. E nunca será possível excluir que, sejam quais forem as fantasias e articulações, possam representar ficções/paramnésias (Bion, 1976a) do analista ou do par analítico.

No meu modo de pensar, calcado em um aspecto teórico proposto por Meltzer (1973, 1988), a eficácia terapêutica da psicanálise depende da introjeção, por parte do analisando, do par analítico como um “objeto combinado inspiracional”, com funções de ideal de ego. Objeto combinado no sentido de uma conjunção criativa e complementar capaz de gerar e zelar pelo desenvolvimento de seus frutos. Inspiracional significando

que aquele que o internaliza possa mantê-lo como referência mas seguir seu próprio caminho, ter seus próprios objetivos, diversamente de aspiracional, isto é, que almeja narcisicamente tornar-se igual ao outro para conseguir aprovação e recompensas.

No caso da situação analítica esse objeto combinado é constituído pelo trabalho conjugado (embora assimétrico) do analisando e do analista. Um trabalho cujo norte é o amor à busca da verdade em meio às angustiantes tempestades emocionais sempre presentes na relação. Tempestades que não serão nem evitadas nem atuadas, mas sim transformadas em palavras e trabalhadas de um modo tal que contribua para a expansão da mente e o crescimento psíquico. Insisto em que essa introjeção terapêutica refere-se ao par analítico e não apenas à figura do analista porque o árduo trabalho que a ela pode conduzir depende de ambos, cada qual em seu papel. Nessa tarefa, as diversas ficções/teorias psicanalíticas atualmente disponíveis são, para mim, diferentes ferramentas utilizáveis em distintos momentos clínicos, mesmo reconhecendo serem geralmente incompatíveis entre si. Cada uma delas ilumina determinados fenômenos, mas deixa outros invisíveis, contempláveis por outras teorias. A renúncia total ou parcial, temporária ou permanente a uma ou outra implica geralmente um trabalho psíquico comparável àquele necessário, por exemplo, à minha renúncia da fantasia do seio idealizado no caso acima descrito.

Penso que, subjacente a todos os movimentos psíquicos ocorridos na sessão relatada, estava presente (embora não conscientemente) minha tentativa de preservar e manter eficaz esta relação criativa constitutiva do objeto combinado, em meio a todas as pressões para desfazê-la, oriundas das duas mentes ali presentes. O trabalho permanente objetivando a sustentação desse objeto combinado na relação constitui, para mim, um dos fundamentos da atitude analítica.

Referi-me à busca da verdade e não ao seu encontro como uma verdade final, pois considero que esta última sempre constitui uma “paramnésia” (Bion, 1976<sup>a</sup>) usada defensivamente pelo par analítico. Nesse sentido, julgo pertinente a proposição de Laplanche (1992) de que uma interpretação adequada desconstrói uma tradução/ficção antiga, parcial e insuficiente, responsável por determinada psicopatologia. Mas isso não significa, prossegue ele, que a nova construção/ficção (que o ego não deixará de fabricar) consiga captar a realidade como tal, constituindo uma verdade definitiva. Representa, nas situações favoráveis, uma nova tradução/ficção acerca de significantes intrinsecamente enigmáticos, mais rica e abrangente, capaz de ser integrada em um contexto mais amplo e significativo.

Segundo Bion (1962) o vínculo K, base do desejo de conhecer, implica uma constante tolerância à dúvida e a um sentido de infinitude. No transcorrer desse difícil e complexo percurso realizado pelo par analítico, a mente de ambos é colocada a trabalhar, ampliando, conseqüentemente, a capacidade de elaboração psíquica ou de simbolização (como preferem outros) das pulsões e experiências emocionais. Com isso, haveria uma menor necessidade do recurso a processos defensivos mais primitivos, prolongados, e alienantes. Uma menor necessidade de transformar a ficção como imaginação criativa em ficção como evitação da realidade.

Em sua solidamente fundamentada teoria sobre as bases biológicas do conhecimento, Maturana e Varela (1984) concluem que não existem na mente representações que constituam um espelho do mundo externo, um “engrama” ou imagem eidética. Em virtude da “clausura operacional” com a qual operamos desde o domínio celular até o mental (inseparavelmente lingüístico) e o social, conhecer é sempre fazer surgir um mundo determinado unicamente pela dinâmica interna de nossa estrutura específica. Qualquer agente provocador desencadeia mas não determina as reações

nesses diferentes domínios e também sempre reage a eles de modo estruturalmente autônomo. Não há uma realidade externa independente, captável e representável na mente. Isto contradiz as teorias “representacionistas”, objetivistas. Ao mesmo tempo, é vitalmente necessário que esta construção mantenha permanentemente uma interação congruente com o meio ambiente físico, biológico e humano, um “acoplamento estrutural” com eles. Isso, por sua vez, contraria as teorias solipsistas radicais, subjetivistas.

Qual a repercussão desta epistemologia para a teoria psicanalítica das representações psíquicas? Como, a partir dela, distinguir e caracterizar realidade e ficção?

Questões como estas constituem, para mim, o “umbigo” do presente trabalho e do tema do Congresso ao qual se destina.

Mas tudo isto... é ficção ou realidade? Ou... ficção e realidade? E o que é, afinal, “realidade”?

*ABSTRACT:*

*The concepts of fiction and fantasy are presented and correlated, stressing they both comprise constructions of the mind that can be used to either understand or avoid reality. Contributions from distinct psychoanalysts on the nature of fantasy and its modes are discussed. Beginning with Freud, dissonant propositions on the importance of fiction/fantasy in the origin and the organization of the psychosexuality are confronted. Theories/fictions considered heuristically useful by some of the different authors are, for others, fictions/ fallacies eventually defensive as well. The goal is to keep these questions open, avoiding the tendency to embrace fictions/theories as if they were definitive. The very questioning on the possibilities of*

*knowledge of reality constitutes the implicit permanent background. A clinical material illustrates some aspects brought forth here, especially the difficulty of renouncing the idealized fantasies/fictions.*

*KEYWORDS: fiction, fantasy, reality, psychic reality, psychosexuality, Oedipus complex.*

## REFERÊNCIAS

- BARANGER, W. (1976). El “Édipo temprano” y el “Complejo de Édipo”. In: *Artesanías Psicoanalíticas*, ed. W. Baranger e cols. Buenos Aires: Kargiemam, 1994, pp. 289-301.
- BARANGER, W. (1979). “Processo en espiral” y “campo dinámico”. In: *Artesanías Psicoanalíticas*. Ed. W. Baranger e cols. Buenos Aires: Kargiemam, 1994, p. 349-370.
- BION, W. R. (1962). Learning from Experience. In: *Seven Servants – Four Works by Wilfred R. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977.
- BION, W. R. (1970). Attention and Interpretation. In: Bion, W. R. *Seven Servants – Four Works by Wilfred R. Bion*. New York: Jason Aronson, 1977.
- BION, W. R. (1976a) Turbulência emocional. In: *Seminários clínicos y Cuatro Textos*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1992.
- BION, W. R. (1976b) Acerca de uma cita de Freud. In: *Seminários clínicos y Cuatro Textos*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1992.
- BION, W. R. (1977). *Two papers: The grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J (1984). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FAIRBAIRN, W. R. (1952). *Estudos Psicanalíticos da personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- FREUD, S. (1897a). Carta 69. *Obras completas*, V. I. Buenos Aires, 1986.



- FREUD, S. (1905) Três ensayos da teoria a sexual. *Obras completas*. V. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- FREUD, S. (1908). Sobre las teorías sexuales infantiles. *Obras completas*. V. IX. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- FREUD, S. (1911). Formulaciones sobre los principios del acaecer psíquico. *Obras Completas, V. XII, Buenos Aires: Amorrortu, 1986.*
- FREUD, S. (1914a). *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*. Obras Completas, V. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- FREUD, S. (1914b). Zur geschichte der Psychoanalytischen Bewegung. *Gesammelte Werke: Werke aus den Jahren 1913 – 1917*. Frankfurt am Main: Fisher Verlag, 1973.
- FREUD, S. (1918). De la historia de uma neurosis infantil (el “Hombre de los Lobos”). *Obras completas*. V. XVII, 1986.
- FREUD, S. (1924). El sepultamiento del complejo de Édipo. *Obras Completas*, V. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- FREUD, S. (1978). Sobre la Versión castellana. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- GREEN, A. (1980). A mãe morta. In A. Green. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- GREEN, A. (1990). *Conferências Brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (1995). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise*, v. 11, p. 217-129. Hogarth Press. Janeiro: Interamericana, 1980.
- GREEN, A. (2002). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

- HORNEY, K. (1926). The flight from womanhood. In: *Feminine Psychology*. Ed. H. Kelman. London: Routledge & Kegan Paul, 1967, p. 54-70.
- ISAACS, S. (1952). A natureza e a função da fantasias. In: M. Klein e cols. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- JONES, E. (1935). Early female sexuality. *Int. J. Psychoanal.*16: 263-273.
- KLEIN, M. (1945). O complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades. In: *O complexo de Édipo hoje*, Org. J. Steiner. Porto Alegre: Artes Médicas, 19992, p. 13-69.
- LALANDE, A. (1926). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1985). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LAPLANCHE, J. (1970). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- LAPLANCHE, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LAPLANCHE, J. (1992). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- LAPLANCHE, J. (1993). *Freud e a sexualidade o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- LOPARIC, Z. (1997). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Revista de Psicanálise da SPPA*. 4-2: p. 375-387.
- MATURANA, H. R. & VARELA, F. J. (1984). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- MASSON, J. M. (1985). *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm FlieB, 1887 – 1904*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1986.
- MELTZER, D. (1973). *Estados Sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- MELTZER, D. & HARRIS WILLIAMS, M. (1988). *La aprehension de la Belleza: El papel del conflicto estético en el desarrollo, la violencia y el arte*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- MOTOMURA, O. (2006). Prefácio à Edição Brasileira. In: Capra, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- PONTALIS, J. B. (1977). *Entre o sonho e a dor*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.
- WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, p. 79-87.
- WINNICOTT, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.